



História, Ciências, Saúde - Manguinhos

ISSN: 0104-5970

hscience@coc.fiocruz.br

Fundação Oswaldo Cruz

Brasil

Pereira Pondé, Milena; Santos Mendonça, Milena Siqueira; Caroso, Carlos
Proposta metodológica para análise de dados qualitativos em dois níveis
História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. 16, núm. 1, enero-marzo, 2009, pp. 129-143
Fundação Oswaldo Cruz
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138041008>

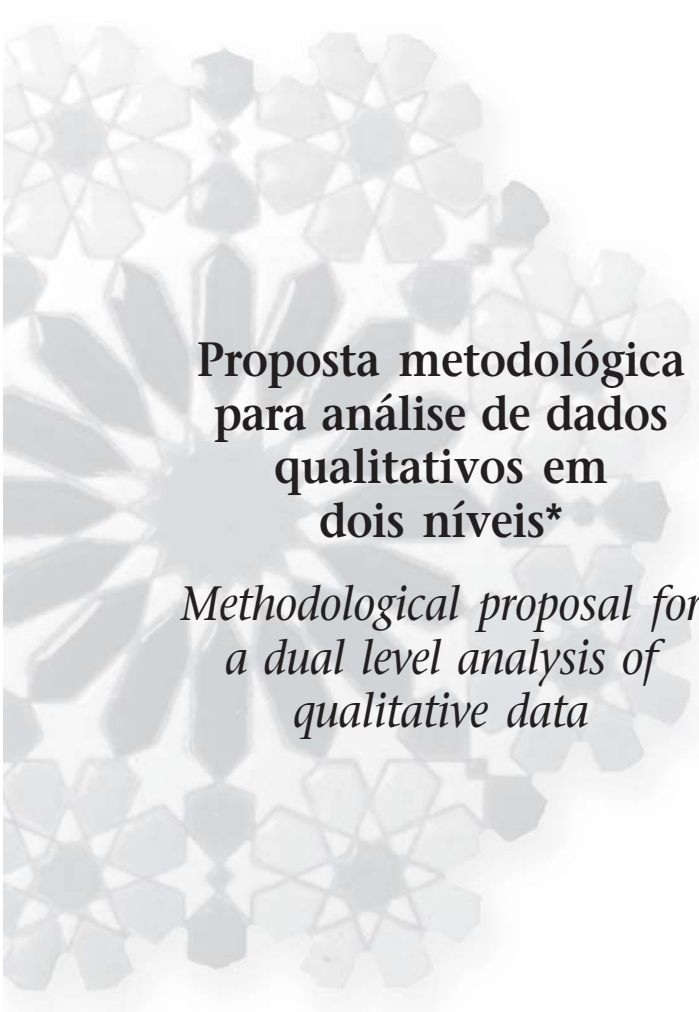
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Proposta metodológica para análise de dados qualitativos em dois níveis*

Methodological proposal for a dual level analysis of qualitative data

Milena Pereira Pondé

Professora adjunta da Escola Baiana
de Medicina e Saúde Pública
Rua Prof. Jorge Valente, 111/601
40155-290 – Salvador – BA – Brasil
pondem@terra.com.br

Milena Siqueira Santos Mendonça

Pesquisadora Apoio Técnico da Fundação
de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
Rua Edith Mendes da Gama e Abreu, 352/201
40815-010 – Salvador – BA – Brasil
milenamendonca@hotmail.com

Carlos Caroso

Professor adjunto da Universidade Federal da Bahia
Rua Prof. Jorge Valente, 111/601
40155-290 – Salvador – BA – Brasil
caroso@ufba.br

Recebido para publicação em abril de 2006.
Aprovado para publicação em março de 2008.

PONDÉ, Milena Pereira; MENDONÇA, Milena Siqueira Santos; CAROSO, Carlos. Proposta metodológica para análise de dados qualitativos em dois níveis. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.16, n.1, jan.-mar. 2009, p.129-143.

Resumo

A metodologia aqui proposta visa revelar relações entre o ambiente sociocultural e o processo saúde/doença. São pressupostos para essa análise: buscar a estrutura do texto para interpretá-lo a partir da explicação e não da compreensão; contextualizar historicamente o texto e relacioná-lo com outros do mesmo gênero. No primeiro nível de análise, ou análise baseada nas questões, abordam-se os domínios culturais e o conteúdo das narrativas referentes às informações obtidas por meio de respostas diretas às questões formuladas pelo pesquisador. O segundo nível de análise, ou análise baseada nas narrativas, refere-se às digressões em relação ao tema inicialmente proposto pelo pesquisador em entrevista semi-estruturada. Os procedimentos analíticos do segundo nível consistem na construção de mapas de rede semântica das narrativas, para posterior comparação.

Palavras-chave: análise qualitativa, metodologia de pesquisa, estudo qualitativo.

Abstract

The aim of this proposed methodology is to reveal the relationships between the sociocultural environment and the health-illness process. The premises of this analysis include: focusing on the structure of the text to interpret it based on explanation and not on understanding; placing the text in historical context and considering it in relation with others of the same genre. The first level of analysis, or analysis based on questions, concerns the cultural domains and the content of the narratives referring to the information obtained from direct responses to questions formulated by the researcher. The second level of analysis, or analysis based on narratives, refers to digressions from the theme initially proposed by the researchers in a semi-structured interview. The analytical procedures of the second level consist in the construction of maps of the semantic network of the narratives, which will be used in a later hierarchical comparison.

Keywords: qualitative analysis, research methodology, qualitative study.

O processo saúde/doença, aqui compreendido como o complexo de determinantes do estado de saúde ou de doença, sofre influências de fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos. A elaboração de programas de cuidados com a saúde, portanto, exige a integração de diversas áreas do conhecimento. O método epidemiológico, que se baseia na inferência estatística para testar a possibilidade de nulidade de uma hipótese em determinada população de estudo, não foi criado pensando nessas complexidades. Os estudos qualitativos, entretanto, permitem aprofundamento nas interações humanas e significações sociais presentes no estudo de casos particulares (Baum, 1995). Esses estudos podem facilitar a identificação de aspectos desconhecidos que influenciam um fenômeno, afirmar a validade dos achados quantitativos, interpretar ou ajudar a compreender os significados de modelos obscuros e gerar teorias inéditas (Needleman, Needleman, 1996).

O sistema de símbolos culturais inclui o significado das palavras em seu contexto de uso (pragmática). O entendimento aprofundado desse sistema parece ser crucial para compreender as enfermidades (Corin, 1995). O contexto cultural molda todos os aspectos da vida, define a visão de mundo e dá sentido às experiências individuais e coletivas, determinando as maneiras como as pessoas se localizam no mundo, o percebem e nele se comportam. Estudos que queiram aprofundar a problemática da saúde devem considerar a comunidade como unidade central de análise. Uma abordagem mais sistêmica em relação à causalidade revela relações entre os processos social, cultural, comportamental e psicológico, que têm nuances distintas em cada comunidade ou área geográfica (Corin, 1996). Estudos epidemiológicos ajudam a explicar as diferenças na distribuição dos problemas de saúde, bem como na identificação de variáveis que funcionam como fatores de risco ou de proteção. O significado das variáveis e o modo como podem ser fatores de risco em determinado local e de proteção em outro só podem ser compreendidos mediante a abordagem dos valores e significados que as situações de vida têm para grupos particulares, em contextos históricos e culturais definidos.

O instrumento de coleta de dados mais importante nos estudos qualitativos é sem dúvida a narrativa dos entrevistados, obtida por entrevistas semi-estruturadas ou não estruturadas. A análise dos dados oriundos de estudos qualitativos pode modificar a pergunta original de pesquisa, uma vez que os dados coletados em campo podem trazer informações inéditas e distintas daquelas da proposta inicial de estudo. Aqui se propõe metodologia de análise de dados qualitativos que permite avaliar não apenas a pergunta de investigação do pesquisador, mas também os dados que surgem nas entrevistas, concernentes às idéias do entrevistado e que escapam ao objeto de pesquisa inicialmente investigado.

Pressupostos teóricos

A tradição hermenêutica se origina em técnica de interpretação, explicação e tradução de textos. A palavra grega *hermeneia* vem de Hermes, personagem da mitologia grega enviado pelos deuses para transmitir sua mensagem aos homens (Oraa, 1998). A hermenêutica como técnica para a interpretação de narrativas (ou qualquer tipo de texto) aborda a semântica integrada com a pragmática, ou seja, busca não só o sentido coletivo que torna

a comunicação possível, mas também o sentido particular, que vem do contexto do uso da linguagem (Eco, 1984).

Ao longo de sua história, a ênfase da tradição hermenêutica circulou entre três pólos: o contexto histórico que origina a narrativa, representado pelas idéias de Agostinho na Igreja católica e pelo Humanismo na Europa; a estrutura interna da narrativa como instrumento principal de análise, com as proposições feitas pela Reforma da Igreja católica; e o caráter subjetivo do escritor, através das idéias de Schleiermacher e Dilthey. Na tradição cristã, a hermenêutica teve papel importante na resolução de conflitos causados pela existência das versões nova e antiga do Testamento. A Igreja tentou resolver alguns aspectos do Antigo Testamento que se contrapunham à moral e ao dogma cristãos, como, por exemplo, o casamento de um homem com várias mulheres (Oraa, 1998). Agostinho defendeu a idéia de que a mediação histórica seria a única forma de conciliar a presença desses valores na Bíblia, propondo que o texto fosse lido de acordo com o período em que tivesse sido escrito, evitando anacronismos (Oraa, 1998). Esse parece ter sido o ponto inicial da reflexão histórica segundo a hermenêutica. O movimento da Reforma, a partir da Igreja católica, desafiou e negou essa forma de compreender a Sagrada Escritura. Tal movimento privilegia o sentido retirado do próprio texto, de modo que a Bíblia deveria ser interpretada de forma fiel, e as passagens obscuras, esclarecidas a partir do contexto da obra como um todo (Bibeau, Corin 1995). Assim, a Reforma sugere que uma abordagem circular e dialética da totalidade do texto bíblico e de suas partes substitua a inferência histórica. Isso significa que o sentido literal da Escritura não deveria ser buscado em função de partes estanques do texto, mas, ao contrário, a totalidade é que deveria guiar a compreensão das partes. A proposição da Reforma era fechar o texto em si mesmo, sem o referir a nenhum contexto externo, negando, portanto, a proposição de Agostinho de remetê-lo a seu momento histórico.

O humanismo na Europa trouxe em seu bojo uma crítica à interpretação anacrônica dos textos clássicos. Ser humanista é reencontrar o sentido verdadeiro que foi perdido e corrompido ao longo dos séculos, importando a reconstrução do texto em sua autêntica literalidade, devendo-se mesmo retornar a sua língua original (Molino, 1985). Com a expansão do direito romano pela Europa, cresceram os questionamentos sobre o sentido dogmático das leis e sua fundação no domínio jurídico (Oraa, 1998). Parecia claro que a interpretação correta das leis não se resumia a um conjunto de técnicas, uma vez que as leis são consequência da prática em contexto histórico e cultural específico. Existia, portanto, descontinuidade entre as leis antigas e o discurso e a prática da época. Para restaurar a continuidade, a única possibilidade encontrada foi através de contraponto histórico, que desafiava a noção de absoluto trazida pela Reforma.

Paralelamente à discussão sobre totalidade e historicidade, a hermenêutica de Schleiermacher introduziu na interpretação do texto a dicotomia entre o objetivo e o subjetivo. Ele defendeu a análise de um lado a partir da língua e da cultura da época em que o texto foi escrito; de outro a partir do autor e do conjunto de sua obra como produção individual (Molino, 1985). Schleiermacher distinguiu dois tipos de informação a serem usados na interpretação de textos: técnica gramatical e técnica psicológica (Oraa, 1998) – distinção baseada no conceito de que o discurso é constituído ao mesmo tempo pelo cânone (aquilo que é compartilhado pelo grupo) e pelo singular. A linguagem, as palavras

e os conceitos (que não são criados pelos indivíduos) atestam a característica comum e coletiva do discurso. Por outro lado, todo discurso contém pensamentos e idéias que são particulares de cada indivíduo. As duas formas diferentes de compreender o texto descritas por Schleiermacher podem ser sintetizadas na noção de estilo, que contém a união do cânone e do singular (Ricoeur, 1986). Todo texto é uma construção estética, tal e qual um objeto de arte, o que significa que os aspectos formais e a estrutura do texto, bem como os aspectos psicológicos relativos às intenções do autor, encontram-se imbricados no estilo (Ricoeur, 1986).

A distinção de Dilthey entre explicação e compreensão define que a explicação se aplica a objetos naturais, ou seja, aqueles que podem ser observados por métodos científicos e trabalhados pela lógica indutiva matemática (Ricoeur, 1986). A compreensão, por seu turno, aplica-se ao psiquismo individual, devendo ser abordada pela empatia. Dilthey defende a idéia de que as singularidades individuais que marcam o texto podem ser objetivadas para validação. Seu conceito se baseia na noção de que o interior de cada indivíduo pode ser percebido e objetivado por meio de seus sinais externos. Para ele, a interpretação é a arte da compreensão (transferência de uma *psyché* a outra) aplicada a signos psíquicos externos, tais como os textos escritos e os monumentos deixados como testemunho da história (Molino, 1985). Segundo Dilthey, a compreensão é a própria transposição do processo interior do autor que originou o texto (Oraa, 1998). Ricoeur (1986), entretanto, sugere o abandono da referência à interpretação pela compreensão, ou seja, o abandono da noção de que para interpretar um texto seria necessário realizar por empatia a transferência do psiquismo do intérprete para o do autor, bem como uma revisão da relação entre explicação e interpretação, de modo que a interpretação seja feita através da explicação e não da compreensão. O texto deverá, portanto, ser lido como estrutura pertencente a um autor e a certo contexto histórico. Isso significa levantar a arquitetura do texto e colocá-lo em palavras atuais, de volta à comunicação corrente. Ricoeur defende a idéia de que a arquitetura do texto pode ser levantada pela explicação via análise estrutural, de modo que a interpretação tenha o sentido de apropriação da explicação. Ao interpretar, o leitor introduz outro discurso naquele do texto, numa espécie de sua recaptura. O nível explanatório de análise do texto serviria para elucidar sua estrutura, enquanto a interpretação buscaria extrair suas dimensões semânticas. A hermenêutica de Ricoeur propõe a interpretação pela linguagem (nível explanatório) e não a interpretação da própria linguagem.

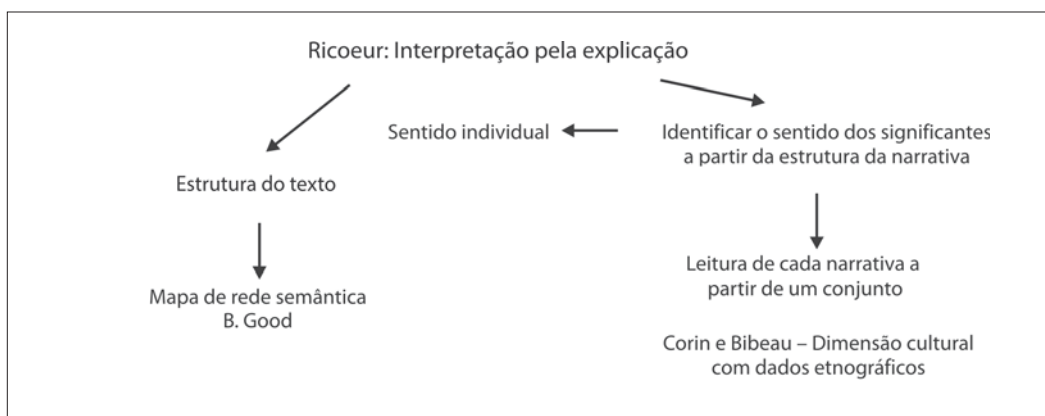
De acordo com o exposto, três noções da hermenêutica de Ricoeur são importantes para a proposta analítica que será aqui descrita. A primeira consiste em buscar a estrutura ou a arquitetura do texto. A segunda é a noção de interpretação baseada nessa arquitetura, em vez de interpretação produzida a partir de profundo conhecimento psicológico dos conteúdos do texto, que se dê a partir de empatia com o autor. A terceira é contextualizar historicamente o texto, relacionando-o com outros de seu gênero e com o conteúdo histórico do momento de sua produção (Quadro 1).

Entrevistas obtidas por questionários semi-estruturados resultam em narrativas que contêm a interpretação da realidade da pessoa entrevistada. Começar com a versão da realidade enunciada pelos sujeitos da pesquisa não significa que esses dados serão tomados como a própria realidade. Toda narrativa traz em seu bojo contradições, espaços em branco

e silêncios que devem ser preenchidos pelo pesquisador a fim de compreender o que subjaz ao que foi dito. Para alcançar interpretação aprofundada, cada narrativa/entrevista deve ser lida em conexão com as narrativas/entrevistas dos demais sujeitos da pesquisa e com o contexto cultural e histórico mais amplo (Bibeau, Corin, 1995). Os dados do contexto mais amplo, incluindo toda a série de narrativas/entrevistas feitas para o estudo e a observação participante (nos estudos antropológicos), podem prover outras informações que ajudem a construir sentido para o que não foi dito (Corin et al., 1992).

Uma entrevista, assim como qualquer enunciação, é sempre direcionada a alguém. Diferente de um texto escrito, a entrevista é articulada no momento de sua enunciação e, sendo um discurso no qual duas pessoas se comunicam, deve ser considerada momento interativo. Não se trata de fala ‘natural’ consigo próprio ou com um membro do grupo de origem do narrador. O sujeito entrevistado fala com outro, sendo o interlocutor forte determinante do discurso que se origina, devendo, pois, ser considerado quando da análise da narrativa.

Quadro 1



Procedimentos analíticos

A proposição de análise em dois níveis para as entrevistas semi-estruturadas, que são realizadas em estudos qualitativos, baseia-se na constatação de que categorias diferentes de informações podem ser identificadas numa leitura atenta desse tipo de entrevista. A primeira categoria de informações corresponde às respostas diretas que os informantes fornecem às questões que lhes são formuladas pelo entrevistador/pesquisador, estando, portanto, diretamente relacionadas com o tema da entrevista/pesquisa. A segunda se refere às digressões do informante em torno das questões formuladas pelo entrevistador/pesquisador, ou seja, respostas que fogem ao tema argüido. Para melhor analisar e discutir as nuances entre essas duas categorias de informação, precisam ser esclarecidos a natureza dialógica de qualquer entrevista e o fato de uma entrevista com objetivos científicos ser guiada pelo tema introduzido pelo pesquisador.

Diferente de outros textos, nos quais o interlocutor interfere apenas indiretamente na narrativa, a natureza dialógica das entrevistas semi-estruturadas de pesquisas qualitativas

leva a influência mais direta do interlocutor. O entrevistador/pesquisador escolhe o tópico a ser abordado, elabora os quesitos e guia a entrevista com novas questões. Os informantes não são marionetes nesse processo; eles também orientam a entrevista com suas respostas. A distância entre os dois (entrevistador/pesquisador e entrevistado/sujeito da pesquisa) se configura no quanto um permite ao outro se expressar ao longo da entrevista. No processo de análise das narrativas produzidas por entrevistas semi-estruturadas, deve-se levar em conta que a entrevista é instrumento de investigação científica, sendo útil analisar separadamente a parte mais fortemente relacionada com as questões formuladas (entrevista semi-estruturada) e aquela em que os entrevistados/sujeitos da pesquisa escapam das perguntas formuladas, priorizando assuntos de sua preferência. Isso posto, propõe-se que as entrevistas sejam analisadas em dois níveis.

O primeiro tem como referencial os pressupostos teóricos que antecedem o trabalho de campo, considerando que o guia de entrevistas se baseia em informações de estudos prévios. As pressuposições presentes no primeiro nível de análise refletem, portanto, a hipótese do pesquisador e a própria pergunta de investigação. Essa análise se refere aos fragmentos de narrativas que estão diretamente relacionados com as questões formuladas, sendo denominada análise baseada nas questões. Em parte da entrevista os entrevistados limitam-se a fornecer respostas curtas às questões formuladas, mudando em seguida a direção da conversa. Essas digressões em relação ao tema proposto compõem o material do segundo nível de análise, chamado de análise baseada nas narrativas, no qual se propõe a identificação de temas centrais em cada narrativa, mesmo que não guardem relação com o tema proposto pelas questões da entrevista. A diferença principal entre os dois níveis é que no segundo não se parte de uma hipótese e nem de uma categoria prévia, mas de uma idéia aberta, buscando-se categorias locais consideradas relevantes para a compreensão do que está sendo estudado. Os procedimentos de análise usados nos dois níveis são apresentados nas sessões seguintes, utilizando-se como exemplo demonstrativo a análise feita em estudo prévio chamado *Relações Entre Divertimento e Bem-estar*, cujo objetivo inicial foi estudar as relações entre lazer e saúde mental. Segue-se breve descrição desse estudo com a finalidade de proporcionar ao leitor melhor compreensão da aplicação prática do método de análise proposto neste artigo.

O exemplo do estudo *Relações Entre Divertimento e Bem-estar*

Trata-se de estudo antropológico realizado numa localidade do litoral norte da Bahia¹, com o objetivo de identificar a relação estabelecida pela população local entre a prática de atividades de lazer e seus efeitos na saúde mental (Pondé, 2007). Os instrumentos de pesquisa consistiram em guia de entrevista semi-estruturada e observação participante. Antes de iniciar a pesquisa buscaram-se, através da entrevista de pré-enquete (Anexo 1), termos locais que representassem os conceitos de lazer e saúde mental; dos identificados serão mencionados apenas 'divertimento' e 'bem-estar' para facilitar a compreensão do foco deste artigo, que é a metodologia de análise. Assim, as entrevistas semi-estruturadas (Anexo 2) continham perguntas sobre o papel das atividades de lazer (divertimento) na saúde mental (bem-estar).

O primeiro nível ou análise baseada nas questões

Propõe-se a utilização da análise de domínios, elaborada para analisar dados etnográficos (Spradley, 1980), e cujo objetivo é descobrir padrões nas situações sociais, a partir de unidades básicas que sejam importantes na cultura em estudo. Essas unidades, chamadas de domínios culturais, são categorias amplas de significado cultural que incluem outras categorias menores e devem emergir dos dados de um estudo etnográfico como uma categoria êmica, ou seja, uma categoria local (Spradley, 1980). Trabalhando-se com entrevistas semi-estruturadas, os temas centrais das narrativas provenientes das respostas às entrevistas em geral se referem ao sujeito de investigação escolhido pelo pesquisador, sendo, portanto introduzido nas narrativas pelas próprias questões da entrevista. No estudo que nos serve de exemplo, os domínios culturais identificados nas entrevistas foram divertimento e bem-estar. Como categorias culturais, os domínios culturais se constituem de três elementos básicos: o significante-chave (X), os significantes incluídos (Y) e a relação semântica. Existem oito relações semânticas consideradas universais e, portanto, úteis para se iniciar uma análise de domínios culturais (Spradley, 1980): inclusão estrita (X é um tipo de Y); espacial (X é parte de Y); causa e efeito (X é resultado de Y); racional (X é uma razão para fazer Y); localização para ação (X é um local para fazer Y); função (X é usado para Y); meio/fim (X é um meio de fazer Y); seqüência (X é uma etapa para Y); atribuição (X é uma atribuição ou característica de Y).

O passo inicial da análise de domínio deve ser buscar as relações semânticas presentes nas entrevistas, levando em conta que, no caso de entrevistas semi-estruturadas, essas relações se encontravam implícitas nas questões formuladas pelo entrevistador. O Quadro 2 dispõe exemplos de relações semânticas encontradas nas respostas das entrevistas semi-estruturadas do estudo *Relações Entre Divertimento e Bem-estar*, podendo servir como exemplo de roteiro. Das relações semânticas universais citadas, as seguintes apareceram nas narrativas provenientes das entrevistas semi-estruturadas do estudo em questão: inclusão estrita (X é um tipo de Y: X é um tipo de bom/mau divertimento) e causa/efeito (X é resultado de Y: bem-estar é um resultado de Y). Uma das questões formuladas no processo de entrevista investigava as atividades de divertimento que poderiam levar ao bem-estar e aquelas que poderiam ser prejudiciais (Anexo 2). Em função dessas questões, as atividades de divertimento apareceram nas narrativas como 'bom divertimento' e 'mau divertimento'. Fica claro, portanto, que as questões da entrevista direcionam o aparecimento das relações semânticas, além de definir os domínios culturais estudados.

O segundo passo é procurar significantes-chave e os significantes incluídos que se encaixam nas relações semânticas identificadas, conforme mostrado no Quadro 2. Para tal, marcam-se em todas as entrevistas os significantes-chave, assim como aqueles que podem ser incluídos na relação semântica com o significante-chave (significantes incluídos). O terceiro passo é preparar uma folha de trabalho para cada um dos significantes incluídos, listando as relações semânticas selecionadas com declaração da forma sob a qual elas são expressas e um exemplo trazido de cada uma das entrevistas. O procedimento deverá ser igual para cada um dos significantes-chave com suas respectivas relações semânticas. O Quadro 3 apresenta exemplo do procedimento a ser realizado. O pesquisador vai marcar em cada uma das entrevistas os tópicos relacionados com o significante-chave, que, no

Quadro 2

<p>Significante-chave: <i>Y bom divertimento</i> Relação semântica: <i>inclusão estrita</i> Forma: <i>X (é um tipo de Y)</i> Significantes incluídos: <i>X amizade, sociabilidade, família, festas, competições, atividades artísticas, trabalho, Igreja</i> Exemplo: <i>amizade é um tipo de bom divertimento</i></p>
<p>Significante-chave: <i>Y mau divertimento</i> Relação semântica: <i>inclusão estrita</i> Forma: <i>X (é um tipo de Y)</i> Significantes incluídos: <i>X perigoso, festas, monótono</i> Exemplo: <i>atividades perigosas compõem um tipo de mau divertimento</i></p>
<p>Significante-chave: <i>X bem-estar</i> Relação semântica: <i>causa/efeito</i> Forma: <i>X (é resultado de) Y</i> Significantes incluídos: <i>Y esquecimento ou alívio de problemas, escapar de comportamentos inadequados, contatos positivos</i> Exemplo: <i>bem-estar é resultado de esquecer ou aliviar problemas</i></p>

Quadro 3

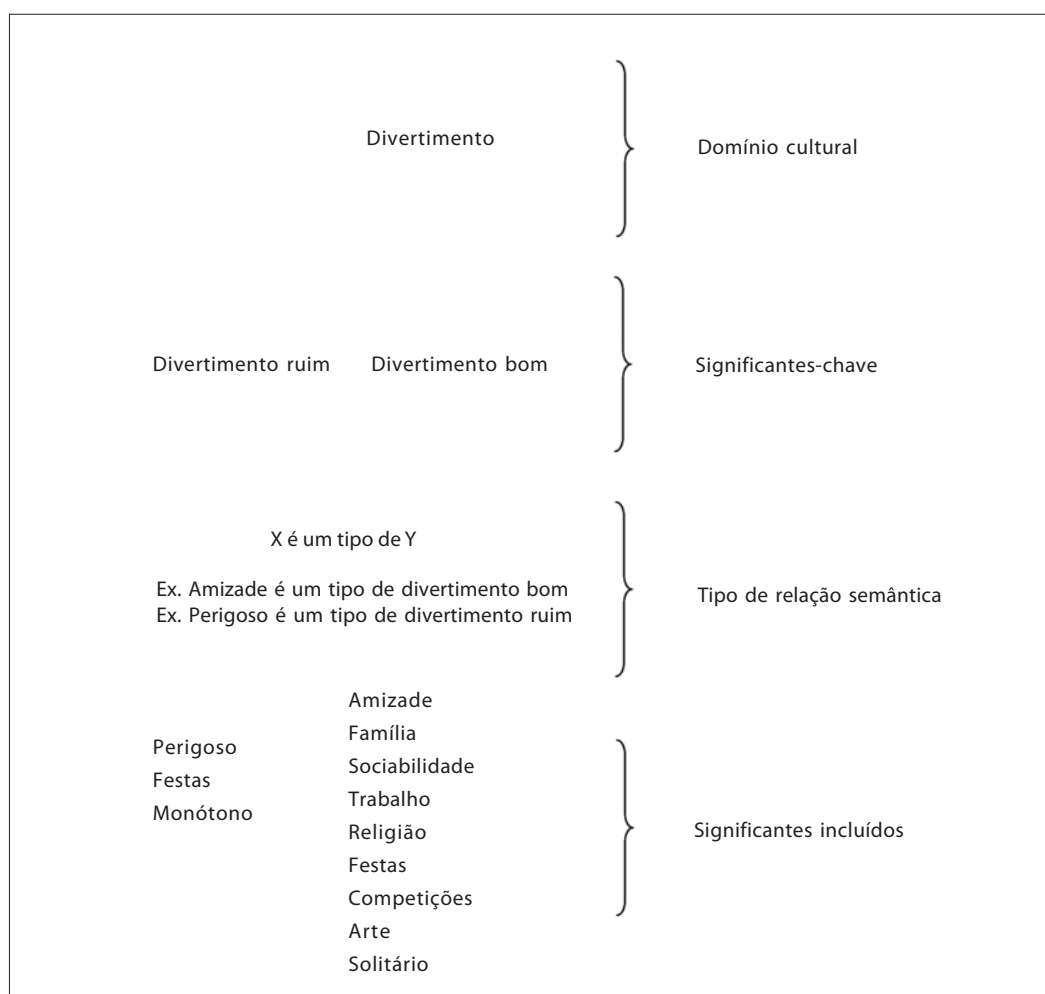
<p>FOLHA DE TRABALHO <i>atividades relacionadas com o trabalho que são 'um tipo de divertimento'</i></p> <p>Significante-chave: <i>bom divertimento</i> Significantes incluídos: <i>sociabilidade, amizade, família, competição, festas ou eventos, atividades artísticas, Igreja e relacionadas com o trabalho</i> Significantes incluídos nesta folha de trabalho: <i>relacionados com o trabalho</i> Relação semântica: <i>inclusão estrita</i> Forma: <i>é um tipo de</i> Exemplo do significante incluído 'relacionado com o trabalho': <i>"quando não tenho nada para fazer eu gosto de varrer a casa e catar folhas no jardim".</i></p> <p>Entrevista 1 - Entrevista 2 - Entrevista 3 -</p>

exemplo, é bom divertimento. O tipo de relação semântica identificado foi inclusão estrita, ou seja, X é um tipo de Y. As enunciações encontradas foram relativas a sociabilidade, amizade, família, competição, festas ou eventos, atividades artísticas, Igreja e trabalho; cada um desses itens, portanto, é um tipo de bom divertimento. Cada folha de trabalho deve enumerar um dos significantes incluídos com um exemplo. Em seguida, buscam-se em cada uma das entrevistas, enunciações relativas ao tópico da folha de trabalho. Esse tipo de procedimento permite que os significantes incluídos sejam vistos em relação ao conjunto das entrevistas, ou seja, a hierarquização dos significantes, que permite a identificação da importância de cada significante incluído em relação ao conjunto das entrevistas; revela

sua frequência de aparecimento; indica as características das pessoas nas quais eles mais aparecem (por exemplo, jovens, comerciantes, imigrantes etc.) e permite comparar com a frequência de aparecimentos dos demais significantes incluídos. Por exemplo, sociabilidade foi o significante incluído que mais apareceu no conjunto das entrevistas, mostrando como na cultura em estudo a vida comunitária é importante. Família, por seu turno, foi o significante incluído mais freqüente nas entrevistas com mulheres casadas, enquanto para os homens foi amizade. A identificação dessas diferenças entre grupos de entrevistas permite salientar as diversidades em relação às pessoas entrevistadas, abrindo espaço para interpretações no contexto cultural em estudo.

O objetivo da análise de domínios é identificar as categorias culturais e também fornecer uma visão geral do cenário cultural que está sendo estudado. O quarto passo é compilar os dados obtidos para ter uma idéia geral dos domínios culturais com seus significantes-chave e os significantes incluídos a partir das relações semânticas encontradas. O Quadro 4 exemplifica esse procedimento. Divertimento é o domínio cultural em estudo, introduzido

Quadro 4



pelo pesquisador. A relação semântica encontrada foi X é um tipo de Y, sendo que Y corresponde aos significantes-chave (divertimento bom e divertimento ruim), e X aos significantes incluídos (por exemplo, 'perigoso', 'festas' e 'monótono' são os significantes incluídos para o significante-chave divertimento ruim).

O segundo nível ou análise baseada nas narrativas

A proposta do segundo nível de análise baseia-se na noção de interpretação do texto pela explicação e não pela compreensão (Ricoeur, 1986). Para atingir tal objetivo, o texto deve ser lido como estrutura pertencente a determinados autor e contexto histórico, atentando-se para seu movimento interno, o que significa levantar sua arquitetura e trazê-lo para a linguagem corrente. O primeiro procedimento consiste em levantar a arquitetura de cada entrevista, inspirado na metodologia da rede semântica, que foi desenvolvida visando identificar categorias êmicas (locais) de doença (Good, 1977). Tal análise é feita mediante a disposição gráfica dos sentidos relacionados aos significantes, ou seja, das enunciações ligadas a determinado significante que se pretende estudar a partir das entrevistas realizadas em dado contexto social, por exemplo, uma doença, a saúde, o divertimento etc. Considera-se que a concepção do significante que aparece nas narrativas/entrevistas reflita experiências coletivas e individuais, logo, as noções sobre o significante estarão associadas por meio de redes de sentido compartilhadas socialmente, sendo ao mesmo tempo representações individuais.

Para estabelecer a arquitetura de cada entrevista, busca-se em cada uma delas os significantes centrais relacionados a um sentido aberto do tema que se quer estudar, bem como as relações semânticas entre eles. O objetivo desse procedimento é captar os significados a partir da identificação da posição dos significantes num sistema de relações semânticas dentro de cada narrativa. A análise semântica baseia-se no contexto do comportamento verbal e na pragmática da comunicação, permitindo a compreensão do sentido da linguagem e da forma em que ela está sendo usada no contexto comunicativo em estudo. Em suma, o objetivo é identificar o modo como cada entrevista é estruturada através das relações semânticas entre os significantes relacionados com o tema que se busca estudar.

Os mapas semânticos de cada uma das entrevistas possibilitam sua posterior comparação, e o primeiro passo para sua construção é marcar nas entrevistas as enunciações relacionadas com o tema em estudo. Busca-se, nesse nível de análise, um sentido aberto e particular de cada entrevistado sobre a questão de proposta. No caso de Relações Entre Divertimento e Bem-estar, buscou-se nas entrevistas todas as enunciações que se relacionavam com algum sentido aberto de 'bem-estar'. Esse sentido aberto/amplo deve incluir referências a qualquer enunciação na entrevista que se relacione, mesmo que indiretamente, com o tema e não apenas as respostas às perguntas, o que já terá sido feito na análise baseada nas questões.

O segundo passo envolve a disposição gráfica dos significantes centrais de cada narrativa, assim como suas relações semânticas com os demais significantes. As conexões entre os significantes são mostradas por setas, como se vê no Quadro 5, o mapa semântico de uma narrativa na qual se procurava o sentido de bem-estar. Dessa forma, marcam-se nas entrevistas transcritas todas as enunciações relacionadas a algum sentido amplo de bem-

estar, buscando as conexões entre as enunciações contidas nas entrevistas. A procura de contradições e ambigüidades nas entrevistas individuais permite que o foco da análise não se restrinja aos aspectos comuns ou aos padrões gerais de cada narrativa, possibilitando a polissemia em relação aos significantes. Por exemplo, no mapa do Quadro 5, 'trabalho' é um significante relacionado com bem-estar e significa ao mesmo tempo 'dinheiro para as crianças' e 'um sentimento de liberdade', este originado da 'possibilidade de discutir e discordar do seu patrão' (ver a área circulada no Quadro 5). Alguns significantes apareceram várias vezes na mesma entrevista. No mesmo quadro, 'crianças' é um dos que aparecem com mais freqüência e está ligado a todos os domínios da vida: trabalho, lazer, família e religião. Os significantes que surgem repetidas vezes na mesma narrativa são chamados de nós intranarrativos e estão em negrito no Quadro 5.

Quadro 5



O terceiro passo é comparar os mapas semânticos do conjunto de entrevistas, buscando identificar semelhanças e diferenças entre os significantes que compõem sua arquitetura, as relações internas entre eles, seus significados e sua hierarquia nas diversas entrevistas. Nessa comparação, busca-se o posicionamento hierárquico de cada significante nas diferentes entrevistas e não apenas sua presença, ou seja, a importância que o significante tem em cada entrevista. A importância é medida pelo número de vezes que o significante aparece na entrevista, bem como pela valoração que o entrevistado/sujeito da pesquisa lhe atribui. Na comparação dos mapas semânticos deve-se utilizar critério hierárquico, posto que a

comparação hierárquica permite identificar grupos de pessoas para as quais determinados significantes são mais ou menos importantes.

Os significantes que se repetem várias vezes nas diferentes entrevistas são chamados de nós internarrativos. No estudo citado como exemplo, o significante crianças apareceu de forma recorrente nas entrevistas de todas as mulheres casadas, sendo, portanto considerado um nó intranarrativo em cada uma delas. A recorrência do nó intranarrativo em um grupo de entrevistas é o que define um significante como nó internarrativo para aquele grupo de entrevistas, delimitando grupos de entrevistas que serão referidos nos resultados como grupos de pessoas que compartilham características comuns.

Ao comparar os significantes que aparecem repetidamente nas narrativas, devem-se comparar também as conexões semânticas entre eles. As diferentes interconexões semânticas representam a polissemia dentro do mesmo espaço cultural. Por exemplo, para os indivíduos considerados 'alcoolistas' no estudo em questão, pertencer a um grupo de pessoas com características comuns significa sua aceitação num espaço social, uma vez que se sentem rejeitados pela sociedade como um todo. Para os adolescentes, entretanto, pertencer a um grupo diz respeito à possibilidade de escapar da norma e de condutas que são compartilhadas por seus pais. A polissemia representa, portanto, os vários sentidos que o mesmo significante pode ter para uma mesma pessoa ou para grupos diferentes de pessoas. Cumpre salientar que os grupos não são definidos *a priori*, mas sim a partir da identificação de nós internarrativos.

Discussão

A entrevista semi-estruturada como instrumento de pesquisa em estudos qualitativos estreita o foco das narrativas, pois introduz um determinado assunto por meio das questões formuladas. Não há, contudo, um fechamento dos resultados mediante lista de possíveis respostas, o que possibilita a exposição de elementos da cultura e da subjetividade. A metodologia sugerida no primeiro nível de análise permite compreender o sentido local das categorias inicialmente propostas pela pergunta da pesquisa. Além de dispor um conjunto de respostas aos quesitos das entrevistas, a análise baseada nas questões já permite a visualização inicial da categoria de pessoa e dos valores culturais presentes nas entrevistas e, portanto, pertinentes à sociedade ou grupo social em observação. Permite também identificar o significado das diferentes categorias para os distintos grupos sociais entrevistados. Essa análise, contudo, não admite o surgimento de assuntos diferentes daqueles diretamente pertinentes às questões em estudo e não possibilita a visualização da polissemia dos significantes e nem de suas contradições.

A metodologia usada no segundo nível de análise avança ao colocar em plano secundário as perguntas que provocaram as narrativas, situando o que as pessoas falam em contexto que inclui definitivamente os valores locais e a categoria da pessoa. Identificam-se, a partir dessa incursão analítica, padrões de valores e de pessoas que levam a uma discussão mais ampla sobre a primazia da metodologia epidemiológica para avaliação de fatores de risco e de proteção para a saúde mental, assim como suas consequências no campo de ação social ligado à saúde coletiva. Os efeitos das atividades e das experiências na vida das pessoas estão envolvidos em ampla rede de significados coletivos e de valores, sem meramente

corresponder a uma relação causal entre objetos concretos e palpáveis. O processo de adoecimento é parte do contexto sociocultural que leva algumas pessoas a se envolver mais ou menos em comportamentos de risco, não sendo apenas a soma de fatores de risco. A metodologia de análise em dois níveis permite a investigação de aspectos simbólicos, como valores, relevância e significado do risco, noções que deveriam substituir a de fatores de risco como variáveis objetivas, que de fato não fazem sentido fora do seu contexto (Almeida-Filho, 1992). O segundo nível de análise fornece a possibilidade de aprofundar a compreensão da cultura local. Desse modo, em vez de insistir na busca de categorias do pesquisador, a análise baseada nas narrativas busca compreender o que é valorizado, positiva ou negativamente, nos diferentes segmentos sociais.

Começar pelo discurso das pessoas locais como interpretação da realidade não significa tomá-lo como espelho da realidade. O objetivo é interpretar a informação com dados de um contexto mais amplo, que possa relativizar o discurso dos informantes, posto que o indivíduo é antes de tudo manifestação de uma dimensão social mais ampla (Corin et al., 1990). Por meio da observação participante e da familiarização com o universo dos informantes, o pesquisador pode preencher os espaços vazios, compreender as metáforas e examinar as contradições que emergem dos discursos locais (Bibeau, Corin, 1995); seu papel enquanto intérprete da cultura é, então, desestabilizar, em certo sentido, as narrativas e os estereótipos locais a partir de um ponto de vista externo (Geertz, 1983), permanecendo todo o tempo ancorado na observação da cultura e no momento histórico da comunidade. Nesse sentido, longe de querer fornecer uma visão romântica advinda apenas dos sujeitos da pesquisa, os cientistas que pesquisam o processo saúde/doença têm como função interpretar o ponto de vista desses sujeitos com olhar externo, porém sempre apoiados na observação do contexto sociocultural e nas entrevistas coletadas, mostrando então as contradições e ambivalências, em vez de aproximações homogêneas ou relações de causa e efeito.

NOTAS

* Este trabalho é parte integrante da tese de doutorado da primeira autora, defendida no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC-UFBA). Elaborado durante doutorado sanduíche realizado no Douglas Hospital Research Center, McGill University, Canadá, com subvenção da CAPES (processo 0085/98-7).

¹ O projeto original no qual o estudo Lazer e Saúde Mental está inserido intitula-se Social and Cultural Landmarks in Community Mental Health in Bahia, Brazil, e foi constituído de duas fases: Signs, Meanings and Practices in Community Mental Health e Illness Management Strategies and Mental Health Systems in Bahia, Brazil. Esse projeto faz parte de um estudo mais amplo iniciado pelo International Network for Cultural Epidemiology and Community Mental Health (Inecom). A primeira fase focaliza a análise do sistema de signos, significados e práticas relacionado à saúde mental. A segunda consiste na identificação de estratégias de manejo e suporte adotadas pelas comunidades para lidar com tais problemas. Estudos semelhantes foram realizados em oito países, sob a coordenação do Inecom: Canadá, Brasil, Peru, Índia, Itália, Costa de Marfim, Mali e Romênia. No Brasil foi realizado em Salvador e em um município do litoral norte, onde se estudaram localidades em sua área urbana e rural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA-FILHO, Naomar.
Para uma etnoepidemiologia: esboço de um novo paradigma epidemiológico. Trabalho apresentado no 3º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, Mesa-redonda Renovação Epistemológica e Produção do Conhecimento em Saúde Coletiva, Porto Alegre. 1992.
- BAUM, Frank.
Researching public health: behind the qualitative-quantitative methodological debate. *Social Science and Medicine*, New York, n.40, p.459-468. 1995.
- BIBEAU, Gilles; CORIN, Ellen.
From submission to text to interpretive violence. In: Bibeau, Gilles; Corin, Ellen (Ed.). *Beyond textuality: ascetism and violence in anthropological interpretation – approaches to semiotics series*. Berlin: Mouton de Gruyter. p.3-54. 1995.
- CORIN, Ellen.
The social and cultural matrix of health and disease. In: Evans, R.G.; Barer, M.L.; Marmor, T.R. (Ed.). *Why are some people healthy and others not? The determinants of health of populations*. Hawthorn: Adline de Gruyter. p.93-132. 1996.
- CORIN, Ellen.
The cultural frame: context and meaning in the construction of health. In: Amick III, B.C. et al. (Ed.). *Society and health*. Oxford: Oxford University Press. p.272-304. 1995.
- CORIN, Ellen et al.
Articulation et variations des systèmes de signes, de sens et d'action. *Psychopathologie Africaine*, Dakar, v.2, p.183-204. 1992.
- CORIN, Ellen et al.
Comprendre pour soigner autrement. Montreal: Les Presses de L'Université de Montréal. 1990.
- ECO, Umberto.
Semiótica e filosofia da linguagem. São Paulo: Ática. 1984.
- GEERTZ, Clifford.
Local knowledge: further essays in interpretative anthropology. New York: Basic Books. 1983.
- GOOD, Byron.
The heart of what's the matter: the semantics of illness in Iran. *Culture, Medicine and Psychiatry*, Cleveland, v.1, p.25-58. 1977.
- MOLINO, Janger.
Pour une histoire de l'interprétation: les étapes de l'herméneutique. *Philosophiques*, Paris, v.12, n.1, p.73-103. 1985.
- NEEDLEMAN, Cohen, NEEDLEMAN, Martin.
Qualitative methods for intervention research. *American Journal of Industrial Medicine*, New York, n.29, p.329-337. 1996.
- ORAA, José Maria Aguirre.
Raison critique ou raison herméneutique?: une analyse de la controverse entre Habermas et Gadamer. Paris: les Editions du Cerf. 1998.
- PONDÉ, Milena Pereira.
Lazer e saúde mental. Salvador: Edição do Autor. 2007.
- RICOEUR, Paul.
Du texte à l'action: essais herméneutiques II. Paris: Editions du Seuil. 1986.
- SPRADLEY, James.
Participant observation. Fort Worth: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers. 1980.



ANEXO 1 – Guia de entrevista de pré-enquete

Na pré-enquete busca-se a identificação dos termos locais referentes a lazer e saúde mental.

1. Como é a vida das pessoas aqui?
2. O que as pessoas costumam fazer aqui?

A partir dessas questões identificaram-se a divisão local das atividades e os termos usados para denominar o lúdico. Os termos usados com o sentido de lúdico foram divertimento, distração e brincadeira. O divertimento tem também um lado negativo, que é enunciado nas expressões “pessoas que não fazem nada, têm boa vida, só querem brincar, malandros, preguiçosos e bêbados”.

3. Como são as pessoas saudáveis?
4. Como você identifica as pessoas saudáveis?

Essas perguntas visam identificar os termos locais para designar saúde mental e os comportamentos considerados saudáveis. Os termos identificados foram: alegre, descansado, feliz, disposto, com coragem, tranquilo, bem com a família, com o trabalho e espiritualmente.

ANEXO 2 – Guia de entrevista de enquete – entrevistas semi-estruturadas

a) O significado do divertimento:

1. Para você que significado tem a distração, a brincadeira?
2. Quais as suas formas preferidas de brincar, de distrair, de passar o tempo? (Citar atividades conhecidas localmente como de divertimento para ver se a pessoa faz alguma).
3. O que você sente quando faz essas atividades?
4. Você acha que o fato de fazer essas atividades o influencia no restante de sua vida? De que forma?
5. Porque você prefere esses divertimentos (citar os que a pessoa mencionou) e não outros?

b) A relação entre o divertimento e o bem-estar:

1. O que pode ajudar uma pessoa a ser alegre; descansada; feliz; disposta; com coragem; tranquila; bem com a família, com o trabalho e espiritualmente (numa leitura preliminar das entrevistas da pré-enquete esses termos designavam saúde mental)? Por quê?
2. Você conhece pessoas que se distraem; que brincam e se divertem (termos relacionados a divertimento)? Como são elas?
3. Você conhece pessoas que não fazem nada; têm boa vida; só querem brincar; são malandras e preguiçosas (termos relacionados a um sentido negativo de divertimento)? Como são elas?
4. Você conhece pessoas que bebem e fazem zoadas (termos relacionados a um sentido negativo de divertimento)? Como são elas?
5. Você conhece pessoas que se distraem trabalhando? Como são elas?
O que você acha que diferencia os divertimentos que ajudam as pessoas a ser alegres, descansadas, felizes, dispostas, com coragem, tranquilas, daqueles que não ajudam ou prejudicam?